

A mística transformadora e emancipação humana na obra de José Carlos Mariátegui*

ADRIANA CARDOSO DA SILVA^{**}

ADRIANA RODRIGUES NOVAIS^{***}

Resumo

Buscamos, neste artigo, elaborar algumas reflexões acerca do conceito de *mística* na teoria de José Carlos Mariátegui. Apresentamos brevemente a relação estabelecida pelo autor entre o *fator religioso* e a *luta pela emancipação humana*. A crítica feita ao racionalismo e ao denominado marxismo vulgar constitui aqui o nosso ponto de partida para lançar algumas idéias sobre a luta revolucionária.

Palavras-chave: José Carlos Mariátegui; mística; fator religioso; subjetividade; lutas sociais; emancipação humana.

Abstract:

We seek in this paper to reflect on the concept of *mystique* in the theory of José Carlos Mariátegui. We present briefly the relationship established by the author between the *religious factor* and the struggle for *human emancipation*. The criticism of the rationalism and the so-called vulgar Marxism here is our starting point for launching some ideas on revolutionary struggle.

Key words: José Carlos Mariátegui; mystique; religious factor; subjectivity; social struggle; human emancipation.

* Agradecemos imensamente a leitura atenta e as sugestões ao texto feitas por Sílvia Beatriz Adoue.



** ADRIANA CARDOSO DA SILVA é Cientista Social pela FCLar/Unesp – Araraquara.



*** ADRIANA RODRIGUES NOVAIS é Cientista Social pela FCLar/Unesp e Mestranda em Sociologia na UFSCAR – São Carlos.



Entre as muitas contribuições de José Carlos Mariátegui à teoria socialista, destacamos os aspectos que dizem respeito à dimensão subjetiva, como elementos indispensáveis para o processo das lutas sociais. Trata-se de aspectos que o autor já havia identificado nas experiências revolucionárias latino-americanas e na Europa no início do século XX.

Desde meados da década de 1920, a crise da confiança na racionalidade trazida no bojo da crise da modernidade impôs novos desafios ao marxismo em todo o mundo. Como astuto impugnador da forma em que essa corrente se institucionalizou no continente latino americano, José Carlos Mariátegui já enfrentava os desafios estabelecidos pela criação de um projeto socialista que não excluísse de seu programa o *fator religioso*, tão caro às lutas sociais no mesmo continente. Partindo dessa premissa, o objetivo deste artigo é refletir sobre o papel da mística transformadora para o projeto de emancipação humana em José Carlos Mariátegui.

A partir da primeira Guerra Mundial, há um questionamento de todos os esquemas, de todas as ideologias, de todas as ciências e de tudo que pretende

ser uma explicação suficiente do real. Antes da guerra, era corrente a confiança em que a razão e o progresso econômico caminhavam juntos. E que o progresso levaria, dentro de um caminho evolutivo, ao progresso humano. Sabemos, com o sabor da experiência, que a história não obedece a uma evolução linear, por meio da qual se passaria dos modos de produção menos desenvolvidos para modos cada vez mais aperfeiçoados, como do capitalismo para o socialismo. Esta concepção advém historicamente de uma visão materialista vulgar e economicista da história enquanto evolução inevitável e necessária rumo ao socialismo¹ que desconsidera os elementos subjetivos, as particularidades do sujeito histórico, suas crenças e tradições.

¹ Trata-se da corrente dita “ortodoxa” ou “centrista”, cujos principais representantes teóricos são Plekhanov e Kautsky. Um dos pontos decisivos que distingue da dialética marxista desta corrente é o fato de que ela preconiza como os positivistas, uma separação radical entre os julgamentos de valor, a ciência e a ética (ou a prática política). Tanto para Kautsky quanto para Plekhanov o marxismo é uma ciência “objetiva” no indicativo, semelhante às ciências naturais. A unidade dialética entre teoria e práxis é rompida (GOLDMAN, 2008, p. 90 - aspas no original).

Para Michel Löwy, foi Mariátegui quem, dentro do contexto latino-americano, melhor refletiu sobre como construir a luta pela emancipação humana sem negar o fator religioso, “re-encantando o desencantado” no espírito socialista (LOWY, 2005. p.03).

São inúmeros os militantes da tradição de esquerda na América Latina que chegaram a manifestar em suas teorias uma forte relação com a mística transformadora e a emancipação humana. Dentre eles, podemos destacar Ernesto Che Guevara, Carlos Marighela.

Mariátegui, sensível à dimensão espiritual e mística das lutas sociais, percebe a necessidade de que o processo revolucionário seja vivido como uma fé religiosa, como algo que mova as pessoas no sentido da emancipação. O autor deu um importante passo indo além das interpretações da teoria marxista em voga naquele momento para compreender a particularidade das lutas no seu continente, com isso seu pensamento adquire um acento de esperança e determinação que contrapõe a um pensamento estéril e determinista. Vale apontar que em vários processos revolucionários posteriores, na América Latina, a “Igreja dos pobres”, da teologia da libertação e das comunidades eclesiais de base se fizeram presentes, aportando não poucos quadros.

O intelectual peruano foi capaz de compreender que “o materialismo histórico não impede, de modo algum, o mais alto desenvolvimento daquilo que Hegel chamava de *espírito livre ou absoluto*; pelo contrário, é sua condição preliminar” (MARIÁTEGUI, 2005, p.206). Do mesmo modo, concebeu o marxismo não apenas como o portador da crítica mais contundente à sociedade burguesa; é provável que esteja entre os

primeiros latino-americanos marxistas que melhor compreenderam que uma corrente de pensamento crítico não se esgota, necessariamente, no pensamento crítico marxista.

Exerceu sua inteligência criadora em função de problemas ainda hoje básicos para o marxismo e para a vida pública da América Latina, ao elaborar um projeto emancipatório que teve em vista um marxismo que não é um conjunto fechado de temas e conceitos, e tampouco “um sistema doutrinário, mas uma teoria crítica da luta social e da mudança do mundo” (BENSAÏD, 1999, p.14).

A nosso ver, a opção por abarcar a questão da mística transformadora no pensamento Mariátegui se insere como uma resposta, ou “[...] reação contra a derrocada das políticas de Estado conduzidas em nome de Marx desde o fim da década de 1920” (BENSAÏD, 1999, P. 17). Segundo o filósofo francês, essas políticas de Estado retiraram do “marxismo histórico” o seu poder mítico e os seus efeitos de crença.

Assim, a mística transformadora consiste no conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas na vontade de mudanças e inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos (BOFF, 2005, p. 50). Mas, precisamente pela mesma razão, acreditamos ser a hora propícia para o despertar de virtudes há muito desprezadas ou ignoradas, em busca do Mariátegui que projetou configurar a mística transformadora com eficácia simbólica viável para América Latina. Conforme observa o próprio Mariátegui,

[...] é o momento em que as esperanças messiânicas, os sentimentos revolucionários, as

paixões místicas próprias do pós-guerra repercutiriam particularmente na juventude universitária da América Latina. O conceito difuso e urgente de que o mundo entrava num novo ciclo despertava nos jovens a ambição de cumprir uma função heróica e de realizar uma obra histórica (MARIÁTEGUI *apud* ALIMONDA, 1983, p.15).

É nesse sentido que seu projeto socialista “[...] só pode existir pela vontade e pela paixão [...]”; de onde resulta a necessidade do mito, inspirada por George Sorel². Conforme afirma Alimonda, Mariátegui suscita “a temática do ‘mito revolucionário’ para unir e agregar num projeto coletivo as vontades populares dispersas” (1983, p. 37).

Em suas palavras:

La razón ha extirpado del alma de la civilización burguesa los residuos de sus antiguos mitos. El hombre occidental ha colocado, durante algún tiempo, en el retablo de los dioses muertos, a la Razon y a la Ciencia. Pero ni la Razón ni la Ciencia pueden satisfacer toda la necesidad del infinito que hay en el hombre. La propia Razón ha encargado de demostrar a los hombres que ella no les basta. Que

únicamente el mito posee la preciosa virtud de llenar su yo profundo (MARIÁTEGUI, 1991, p.09).

Mariátegui está diretamente focalizado na luta agônica e constante contra “a perda de sentido da vida”, a crítica contra a “mecanização do mundo”.

Ao tecer crítica ao desdém da “rarefeita hierarquia de intelectuais desencantados”, o autor peruano reitera que se elaboram no caos contemporâneo, os materiais de uma nova mística (MARIÁTEGUI, 2005, p.66). O mundo em gestação não depositará sua esperança onde depositaram as religiões superadas. “Os fortes empenham-se e lutam – diz Vasconcelos – com o fim de antecipar um pouco a obra dos céus” (2005, p.68). Contudo, superando o desafio imposto pelas ilusões do progresso e pela concepção etapista da história³ contra a qual o autor trava seu embate, inicia-se a produção de uma nova conceituação ético-política e espiritual em decorrência do reflexo religioso da consciência dos homens, ou então, “da necessidade de infinito” (MARIÁTEGUI,

² “Embora seu nome fosse freqüentemente associado ao de Mosca e Pareto, Sorel é muito mais conhecido como inovador em teoria marxista e metodologia das ciências sociais; rejeitando as pretensões universalistas das concepções positivistas de ciência favoreceu o pluralismo intelectual e metodológico. A partir de 1896 iniciou uma reinterpretação do marxismo, identificando seus princípios centrais como “mitos” – momento da greve geral – capazes de inspirar a classe trabalhadora para a ação fora da estrutura da democracia parlamentar (*Réflexions sur La violence*, 1906) (OUTHWAITE, BOOTMORE, 1996, p. 818). Este é um ponto de inspiração central de Mariátegui pelo escritor francês, cujo interesse nos cabe avaliar.

³ De acordo com Mazzeo, “la etapa concebida como “plantilla” clasificadora y nominadora aplicada a la realidad social; como filosofía prescriptiva de los pasos necesarios a dar en una sucesión ideal y abstracta; como “teología apologética” de alguna espera en pos del “progreso”, la “revolución” o el “cambio social”; como trinchera de intereses mezquinos; como candado de la herejía o grillete atado al pie. Y también como una presentación desdramatizada, presuntamente “científica” y “racional” de la impotencia política, el conformismo o el pesimismo histórico. La historia del concepto, de sus aplicaciones concretas, no muestra muchos casos de productividad política sino todo lo contrario. El concepto de etapa formó parte del instrumental más raquítrico de la izquierda, no precisamente de sus ejercicios de des-alienación” (MAZZEO, 2012, p.02).

2005. p.64) existente no interior dos mesmos.

Para Mariátegui, o marxismo não é apenas uma “ciência da revolução”. De acordo com o autor, tanto a revolução, como a Nação, como o socialismo são utopias mobilizadoras; são algo para ser construído, para ser inventado (ALIMONDA, 1994, p. 109 – aspas no original). Por esta razão que Mariátegui:

[...] rejeitava as fórmulas científicas como método pré-constituído de abordar a realidade, sua convicção da importância da emoção e, portanto, do mito mobilizador para a constituição de sujeitos coletivos, sua desconfiança frente à noção abstrata de progresso, mas sua aceitação da modernidade, seu antieconomicismo, sua concepção das classes sociais como realidades complexas, ancoradas em uma base econômica, mas existentes nos seus desdobramentos políticos e culturais (1994, p.111).

Nesse sentido, Mariátegui estabelece uma aproximação dialética da fé religiosa com militância política.

Ao lançar luz sobre a dimensão subjetiva, Mariátegui permite-nos compreender que a revolução não é somente uma necessidade objetiva. Para ele é necessário ir além. A revolução deve ser resultado da vontade coletiva. Sem esta “vontade” os elementos objetivos não impulsionam um processo de transformação ou emancipação. Ele considera fundamental para o avanço rumo à emancipação humana que os sujeitos vivam a luta com a mesma paixão com que se vive a fé religiosa.

Assim, faz-nos perceber a necessidade de que os projetos de emancipação tragam consigo meios através dos quais seja possível forjar permanentemente essa paixão revolucionária. Há,

portanto, a necessidade de que os homens possam compartilhar um sentimento comum, uma “mística”, como diria Mariátegui, capaz de movê-los na mesma direção, qual seja, o processo de emancipação.

Em certa medida, esta é a idéia que Lucien Goldmann denomina “aposta” em suas investigações dialéticas. De acordo com o sociólogo, o papel do revolucionário e a realização de uma sociedade sem classes é algo que não se pode demonstrar cientificamente; pode-se avançar uma série de argumentos científicos, mas, em última análise, trata-se de uma aposta (*Le pari*). É uma questão de fé. Nessa medida, ele comparava a fé dos cristãos com a fé socialista, com a fé dos marxistas. É completa que nos dois casos há um elemento de aposta. Também os cristãos não podem provar que Deus existe, que o reino dos céus vai se realizar (GOLDMANN, 2008. p.120), dentro da mesma aceção é possível dizer, ainda, que não se pode desvalidar as possibilidades de criação de um mundo socialista.

O interesse de Mariátegui pelas manifestações concretas da realidade peruana e mundial não se deu, simplesmente, enquanto uma busca incessante por um objeto de estudo naquele determinado momento, - menos por isso, tendo em vista que se autodenominava não universitário -, mas sim porque foi parte de um contexto histórico que o permitiu, junto a sua inegável sagacidade como observador da luta de classes, compreender os papéis dos sujeitos revolucionários em um tempo no qual “[...] as paixões tendiam a abrir caminho a um torvelinho de relatos contrários à razão: oníricos, míticos e mágico-religiosos que, por sua vez, potencializavam o desenrolar

inesperado de sua força” (BAO, 2007, p. 06). Sua ênfase na dimensão simbólica da luta de classes, ressaltando a importância da subjetividade na construção da realidade social, possibilitou também ao autor reafirmar a necessidade de um enfoque dialético da religião e mesmo, no caso, a invocação da memória coletiva das comunidades indígenas do passado constitui ao mesmo tempo uma luta contra a assimilação contemplativa e a institucionalização de suas tradições pelo “progresso”⁴.

Diante do quadro exposto, acreditamos que o pensamento de Mariátegui expressa, contudo,

“[...] uma tentativa de acentuar a importância da ação e da imaginação humanas na construção de uma alternativa radical ao capitalismo moderno. Rompidas as cadeias do cientificismo fatalista, reabrem-se as portas para as utopias, ou seja, para as projeções humanas de um mundo possível. Vinculando-se com a práxis social transformadora, as utopias contribuem para a ‘reabertura da história’, recolocando os homens e a subjetividade revolucionária no centro de qualquer perspectiva

⁴ O dado evidente de que a grande maioria do campesinato peruano era constituída de indígenas, indica a Mariátegui a necessidade de estudar sua cultura e sua história buscando nas tradições incaicas elementos que permitissem uma aproximação entre as reivindicações indígenas – em especial a reconquista da terra expropriada pelo latifúndio – e a perspectiva socialista revolucionária. Neste mesmo caminho, Mariátegui se propunha ao que em suas próprias palavras consistia em “[...] lutar com todas as suas forças físicas e intelectuais [...]”, afim de “[...] concorrer à realização do socialismo peruano [...]”, e se esforçou para reorientar corretamente este problema e assinalar o papel do movimento indígena na forja de um novo sujeito revolucionário para a transformação (MUÑOZ, 2004, p.44 – aspas no original).

social anticapitalista” (QUERIDO, 2011, p.153).

Para tanto, se recupera a mística, como a própria vida tomada em sua radicalidade e extrema densidade. Cultivada conscientemente, confere à existência sentido de gravidade, leveza e profundidade (BOFF, 2005, p. 50).

Em *Ideologia e Política*, inspirado por Miguel de Unamuno, Mariátegui escreve:

Eu sinto, ao mesmo tempo, a política elevada à altura da religião e a religião elevada à altura da política. Com a mesma paixão, falam e sentem os marxistas, os revolucionários. Aqueles nos quais o marxismo é espírito é verbo, é luta e agonia.⁵ (MARIÁTEGUI In LÖWY, 2005, p.54).

Falar de mística, entretanto, não significa driblar as respostas das questões formuladas, nem mistificar a realidade, mas colher seu lado mais luminoso, aquela dimensão que alimenta as energias vitais para além do princípio do interesse, dos fracassos e sucessos. Tal qual “Luta, que cura!” de Marco Fernandes, sugerimos que “o conhecimento sobre os elementos imaginários, simbólicos, e até mesmo inconscientes de um povo, ou seja, tudo aquilo que diz respeito aos aspectos subjetivos – ou psicossociais – envolvidos nas lutas populares – e que muitos de nós chamamos simplesmente de ‘mística’” –, pode servir como um poderoso instrumento capaz de potencializar nossa capacidade

⁵ Uma bela passagem dos Sete Ensaio..., nos demonstra a brilhante fusão entre religião e política: “A terra sempre foi toda alegria do índio. O índio desposou a terra. Sente que “a vida vem da terra” e volta a terra. Finalmente o índio pode ser indiferente a tudo, menos à posse da terra que suas mãos e seu alento lavraram e fecundaram religiosamente” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 63 – aspas no original).

mobilizatória e, por consequência, aumentar nossa força política e social (FERNANDES, 2011, p.02).

Um dos pontos mais fortes do pensamento de Mariátegui pode ser justamente a acuidade em situar o seu projeto socialista associado a uma forma de subjetividade revolucionária em um contexto que exige do pensamento e do movimento anticapitalistas novos métodos e concepções de luta social, assim como outra relação com as lutas de resistência do passado. A perspectiva ética e política radicalmente *humanista* assumida pelo autor impulsionou uma análise teórica interdisciplinar cujo eixo analítico não é apenas o desenvolvimento das forças ou estruturas de produção, mas sim os conflitos e os impactos sociais e humanos do processo de modernização capitalista no Peru - que, como em todos os países da periferia do sistema, caracterizou-se pela destruição violenta das comunidades tradicionais. Este elemento essencial existente em Mariátegui consiste exatamente em relacionar concretamente seu projeto socialista indo-americano ao legado das resistências indígenas a esse processo, e, sobretudo, de extrair dessas lutas do passado a força contemporânea do movimento. Já que, no limite, seja “no plano individual ou coletivo, o que move o ser humano são as utopias que não cabem no apertado gargalo de uma racionalidade que reduz as relações à esfera econômica” (BETTO, 2005, p.12).

Somente a partir dos anos 1950, em um movimento que alcança o presente, que suas obras vêm aparecendo e instigando pensadores das ciências sociais e humanas. A qualidade dos temas e discussões das obras de Mariátegui está intimamente ligada à sua práxis como intelectual engajado e aberto a novas

perspectivas que alargam algumas noções do marxismo. Esta relação entre vida e obra tem retroalimentado as diversas leituras e debates nacionais e internacionais sobre o intelectual revolucionário peruano durante as últimas seis décadas.

Apesar da crise do socialismo “real”, o ideário socialista permanece como uma vertente mobilizadora de engajamento social. Por esta razão suscitamos a mística transformadora tão presente no pensamento do autor peruano que se dedicou depositando “todas suas forças físicas e intelectuais” no projeto socialista (MUÑOZ, 2004, p.44 – aspas no original); inserido no contexto de vida e obra a partir de uma concepção mais ampla, que sinaliza a fé no combate revolucionário, com disposição heróica para arriscar a própria vida e o compromisso total pela causa emancipadora.

Referências

ALIMONDA, Héctor. José Carlos Mariátegui: **Redescobrir a América**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1983.

_____. **Mariátegui: vanguardas, tradição e modernidade**. Estudos Sociedade e Agricultura, nº- 3 novembro 1994. pp. 101-113.

BAO, Melgar Ricardo. **Mariátegui e a ocidentalização da política**. Estudos de Sociologia. Pesquisador do Instituto Nacional de Antropologia e História do México em Cuernavaca. 2007, pp 01-24.

BENSAID, Daniel. **Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma ventura crítica (séculos XIX e XX)** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BOFF, Leonardo. BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. 6ª- ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERNANDES, Marco. **Luta, que cura! Aspectos terapêuticos das lutas de massa e alguns desafios para o trabalho de base contemporâneo**. 2011. Fonte:

<http://passapalavra.info/?p=40157>; acessado em janeiro de 2012.

LÖWY, Michael. **Lucien Goldman, ou A dialética da totalidade**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Marxismo e Emancipação na América Latina**. Entrevista realizada por Marildo Menegat (UFRJ) e Elaine Rossetti Behring (UERJ), em 8 de novembro de 2008.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Por um socialismo indo-americano: ensaios escolhidos**; seleção e introdução Michael Löwy - Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Clacso, 2010. ROJAS, Rodrigo Montoya.

MAZZEO, Miguel. **El fetichismo de la etapa**. Lanús Oeste, Febrero, 2012. Escritor. Docente

de la Universidad de Buenos Aires (UBA) y de la Universidad Nacional de Lanús (UNLa). Militante del Frente Popular Darío Santillán.

MUÑOZ, Renan Raffo. **Mariátegui: sujeito revolucionário e movimento indígena**. Princípios: Revista Teórica, Política e de Informação. Abril, 2004: nº-72.

OUTHWAITE, William. BOOTMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1996.

QUERIDO, Fábio Mascaro. **Crítica e autocrítica da modernidade: crise civilizatória e utopia anticapitalista em Michael Löwy**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação de Sociologia – UNESP de Araraquara/SP, 2011.